

COMUNHÃO DE GERAÇÕES

Pedro Vaz Patto

A atenção a vários aspectos da sociedade atual torna oportuna a reflexão sobre a importância da solidariedade entre gerações.

A percentagem da população idosa, em relação ao conjunto da população, vai crescendo cada vez mais em muitos países. Isso acarreta custos crescentes de segurança social e de saúde. Vai-se tornando mais claro que os jovens que hoje começam a trabalhar não vão receber, no futuro, pensões de reforma de montante equivalente a muitas das que hoje são pagas.

Ao mesmo tempo, e apesar dessa presença mais acentuada da população idosa na sociedade, a cultura hoje predominante entre nós não valoriza, como outrora ou como se verifica ainda em culturas mais tradicionais, o contributo específico dos idosos. Predomina o chamado *juvenilismo*. São mais exaltadas características próprias da juventude (o vigor físico, a criatividade, a irreverência) do que outras próprias da idade avançada (a sabedoria que decorre da experiência, a atenção aos valores perenes, que deveriam resistir à usura do tempo). Todos querem ser jovens (nem que seja "de espírito...") indefinidamente e torna-se indelicado perguntar a algum adulto (não só às senhoras...) a sua idade.

Como se afirma numa entrevista publicada neste Número da nossa revista, a velhice tornou-se «o último tabu»; «nunca houve tantos velhos e, ao mesmo tempo, a velhice foi cancelada da ordem natural das coisas».

Nem todos se chocam com a notícia recente da proposta de dois ministros holandeses, no sentido de estender a legalização da eutanásia e do suicídio assistido a qualquer idoso que os peça, mesmo que não esteja doente, por entender que a sua vida se «completou». Nem todos reparam que, desta forma,

o Estado e a ordem jurídica transmitem uma mensagem de desvalorização da vida do idoso, encarada como um peso e desprovida de sentido.

A resposta a estas realidades passa, também aqui, por estender o espírito próprio da família a toda a sociedade («como a família, assim a sociedade» – propunha Chiara Lubich). A família, núcleo social fundamental, nasce da comunhão entre as dimensões masculina e feminina que só em conjunto compõem a riqueza integral do humano. E nasce também (alargada aos avós e aos netos) da riqueza da comunhão entre as gerações, que se traduz na comunhão entre o passado, o presente e o futuro. Essa riqueza permite conjugar a fidelidade às raízes com a abertura à novidade. E discernir, assim, nesta abertura, o que representa um enriquecimento construtivo, e não simples modas superficiais ou destrutivas.

O Papa Francisco já por várias vezes acentuou estas ideias. Fê-lo deste modo na exortação apostólica *Amoris Laetitia* (n. 192): «(...) Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos, e "muitas pessoas podem constatar que devem a sua iniciação na vida cristã precisamente aos avós". As suas palavras, as suas carícias ou a simples presença, ajudam as crianças a reconhecer que a História não começa com elas, que são herdeiras de um longo caminho e que é necessário respeitar o fundamento que as precede. Quem quebra os laços com a História terá dificuldade em tecer relações estáveis e reconhecer que não é o dono da realidade. Com efeito, "a atenção aos idosos distingue uma civilização. Numa civilização, presta-se atenção ao idoso? Há lugar para o idoso? Essa civilização irá em frente, se souber respeitar a sabedoria dos idosos"». ●